

Retrato de uma elite quando velha: uma leitura de *Leite Derramado**



Adriana Dusilek

Pós-doutoranda/Universidade Estadual Paulista (Unesp)

(...) *Foi na Penha
Não, foi na Glória
Gravei na memória
Mas perdi a senha
Misturam-se os fatos
As fotos são velhas (...).*
BUARQUE, Chico,
"Barafunda", 2011.

Resumo:

O presente artigo pretende apresentar uma leitura do romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque, observando a estrutura familiar e social ali representada. O *leite* do título é plurissignificativo, e um dos sentidos está vinculado a seu anagrama "elite". Por tal categoria social se veem perpetuados determinados comportamentos sociais através do tempo que cruza as várias gerações do narrador Eulálio.

Palavras-chave: Romance brasileiro; Literatura contemporânea; Chico Buarque.

Abstract:

This paper presents a reading of the novel *Leite Derramado*, of Chico Buarque, watching the family and social structure represented there. The word milk of the title is plurissignificant, and one of the senses is bound to its anagram "elite". For this social category find themselves perpetuated certain social behaviors thro ugh time that crosses the generations of the narrator Eulálio.

Keywords: Brazilian novel; Contemporary literature; Chico Buarque.

Resumen:

En este artículo se presenta una lectura de la novela *Leite Derramado*, de Chico Buarque, viendo la estructura de la familia y la estructura social representado allí. El *leche* del título es plurissignificativo, y uno de los sentidos está obligado a su anagrama de "elite". Para esta categoría social se encuentran perpetuados ciertos comportamientos sociales a través del tiempo que atraviesa las generaciones del Eulálio narrador.

Palabras clave: novela brasileña; literatura contemporânea; Chico Buarque.

* Recebido em 30 de junho de 2013. Aprovado em 18 de dezembro de 2013.

Eulálio Montenegro d'Assumpção é o narrador do romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque. Um senhor de cem anos, de nobre origem, porém decadente e enfermo, que conta sua história a enfermeiras do hospital e a quem quiser ouvir, revive dentro de si suas histórias e reelabora-as à medida que as narra e sobre as quais reflete. Tem a preocupação de que estas sejam registradas em papel, e para isso interpela uma das enfermeiras do hospital. Tem ainda consciência da confusão espaço-temporal que marca sua narrativa, e faz, muitas vezes, reflexões metamemorialísticas.

Para driblar a saudade e a solidão, suas únicas companheiras são a reminiscência e a palavra. Mesmo com o dissabor de não ter interlocutor: “É desagradável ser abandonado assim, falando com o teto” (Buarque 2009:39) Eulálio não pára de falar. É consciente da falta de disposição dos outros em ouvi-lo: “Mas a vocês nada disso interessa, e ainda aumentam o volume da televisão por cima da minha voz já trêmula” (Buarque 2009:51). Porém, há uma premente necessidade de extravasar todas as suas recordações, pois que é um modo de revivê-las, ainda quando doloridas. Ilude-se com a possibilidade de que sua fala seja transcrita e resulte num livro de memórias, mas em outras ocasiões depara-se com a indiferença alheia: “Mas a senhora não escreve nada, a senhora abana a cabeça e me olha como se eu falasse disparates. As pessoas não se dão o trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de país estrangeiro” (Buarque 2009:78). Conforme escreveu Jeanne Marie

Gagnebin no prefácio ao volume 1 das Obras Escolhidas de Walter Benjamin: “Enquanto no passado o ancião que se aproximava da morte era o depositário privilegiado de uma experiência que transmitia aos mais jovens, hoje ele não passa de um velho cujo discurso é inútil” (Gagnebin 1994:10). É o próprio filósofo quem afirma, em “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”: que “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (Benjamin 1994:198).

Eulálio será um exemplo desse narrador com abundância de histórias e carência de ouvintes. Num quarto de hospital ou no corredor do mesmo, ele fará sua narração, principalmente sobre seu breve casamento arruinado, e sobre a história de sua família, num período abrangente da história do Brasil, cujos reflexos aparecem no romance como pano de fundo¹.

Enumerando os vários momentos em que Eulálio cita sua ascendência, há o seguinte retrato de sua tradicional família: seu pentavô, D. Eulálio, era um próspero comerciante do Porto; seu tetravô, o general Assumpção, também Eulálio, teria lutado contra a França de Robespierre; seu trisavô Eulálio teria desembarcado no Brasil com a corte portuguesa, e seria confidente de Dona Maria, a Louca; seu bisavô Eulálio, o Barão dos Arcos, feito barão por D. Pedro

¹ O título *Leite Derramado* remete a múltiplos sentidos: ao provérbio “chorar o leite derramado”; à eulalia do discurso do narrador, com seu discurso profuso; à cena em que Matilde derrama literalmente seu leite na pia do banheiro e à decadência pessoal e familiar (observa-se que em “leite” se visualiza o anagrama “elite”, podendo-se também ler o romance como a decadência social de um membro da elite, através da miscigenação racial).

I; seu avô Eulálio seria um figurão do Império, grão-maçom, comensal de D. Pedro II, tendo trocado correspondência com a Rainha Vitória. Com o fim do Império, teve que buscar asilo em Londres. Já o pai do narrador era senador republicano e tinha vários negócios, como a concessão do Porto de Manaus, que conseguira do presidente Campos Sales. Também era representante da Companhia de armas Le Creusot & Cie no Brasil. É mencionado ainda D. Eulálio Penalva d'Assumpção, conselheiro do marquês de Pombal que, pela época, parece ser seu trisavô. E ainda D. Eulálio Ximenez d'Assumpção, alquimista e médico de D. Manuel I. Esse seria anterior a seu pentavô.

Eulálio também faz questão de explicar seu sobrenome: “E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar até aí no prontuário” (Buarque 2009:18). O “p” seria para diferenciar do nome comum, Assunção, que o escravo de seu avô adotara, “como a pedir licença para entrar na família sem sapatos” (Buarque 2009:18)².

Toda essa genealogia de homens ilustres vai até seu pai. Eulálio Montenegro d'Assumpção, o narrador, representaria o início da descensão familiar. Usando a imagem do leite, é a partir dele que começa o derrame de sua nobreza. Além de não ter o dom da política como o pai, e de não saber gerenciar seus negócios, não teve um filho homem, quebrando assim a longa tradição de Eulálios. Sua filha é

² Produz um certo humor a genealogia que o narrador também faz dos escravos e descendentes, que imitariam a tradição de seus senhores de repetir o nome de seus antepassados: “Curioso é que seu filho, também Balbino, foi cavaliário do meu pai. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância” (Buarque 2009:18).

Maria Eulália, que cresce traumatizada por não saber do paradeiro da mãe e por não ter a atenção do pai. Casa-se com um aproveitador, que tira bastante dinheiro de sua família, e lhe dá um filho: Eulálio d'Assumpção Palumba. Este, desde pequeno é interessado por História, e quando cresce se torna comunista. É detido, e ninguém mais o vê, mas telefonam a Eulálio dizendo que seu bisneto nascera na prisão, e que era preciso buscá-lo. Dão-lhe o nome de Eulálio d'Assumpção Palumba Junior, que se torna um sedutor, e por tal morre num motel. Antes, teria engravidado uma prima sua, e nasce assim Eulálio d'Assumpção Palumba Neto, enfeitado pela família da mãe, que o deposita na porta de Eulálio, o narrador. Esse trineto de Eulálio parece ser um traficante de drogas. Quase ao fim do romance, o narrador veria a filha com uma criança no colo, que seria Eulalinho, seu tetraneto.

Outro aspecto a ser destacado sobre essas várias gerações é que, enquanto o bisavô do narrador era traficante de escravos, ou, nas palavras de Eulálio: “pagava altos tributos à Coroa pelo comércio de mão-de-obra de Moçambique” (Buarque 2009:78-9), há um processo de miscigenação que resulta na negritude do bisneto de Eulálio. A narrativa tem, assim, uma sutil ironia ao confrontar tal processo com o preconceito racial da família Assumpção. Tal preconceito é apreendido em vários momentos, como na afirmação de que o avô era um “aboliconista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo” (Buarque 2009:15). Ou quando Eulálio afirma que sua convivência com Balbino, seu amigo

de infância, neto do escravo Balbino, o fez um adulto sem preconceitos:

Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência sardentas. Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai (Buarque 2009:20).

O próprio narrador parece demonstrar discriminação à medida que está sempre mencionando a nobreza de sua família, diferenciando-se dos demais à sua volta e até explicando certas características alheias pela cor da pele. Há um episódio ao mesmo tempo cômico e revelador, quando, sob o efeito da cocaína oferecida por seu trineto, Eulálio resolve sair um pouco de casa, e antes de retornar exige que uns policiais, dentro de uma viatura, o abriguem no carro para ele descansar as pernas. Enquanto está na viatura fala coisas absurdas:

Visto que o assunto não rendia, perguntei-lhes se estavam felizes aqui ou se pretendiam voltar para a África. Opinei que servir na polícia era um grande progresso para os negros, que ainda ontem o governo só empregava na limpeza pública. Depois lhes perguntei se porventura sabiam o preço da cocaína no Rio, e se possível também no exterior, mas eles continuavam sonolentos (Buarque 2009:175).

As expressões “se pretendiam voltar para a África” ou “grande progresso para os negros” soam como discriminação, embora se possa fazer uma outra leitura, segundo a qual o trecho acima é apenas um

exemplo do modo franco de falar do personagem, e o que Eulálio diz, ao mesmo tempo em que indica ignorância, não deixa de ser um retrato da discriminação de que sofriam os negros, por ocuparem, de fato, profissões menos elevadas. Assim, justamente por não ter preconceito é que o personagem consideraria normal tudo o que falava. No entanto, há muitas outras passagens em que o narrador aborda tal questão, direta ou indiretamente, e dá a entender que tinha, sim, preconceito.

Um exemplo disso é quando, ao se referir que trocara o chalé de Copacabana por dois apartamentos no mesmo bairro, descreve o ambiente de sua nova moradia: “Trata-se enfim de um ambiente seletos, e era natural que me causasse espécie entrar comigo no elevador um grandalhão com cara de nortista, nariz chato, pele grossa. Indiquei-lhe o elevador de serviço, mas ele me deu as costas e apertou o botão do meu oitavo andar” (Buarque 2009:142). Essa atitude de Eulálio não demonstraria apenas arrogância, mas discriminação etnológica com o jogador do Fluminense³ e morador do prédio, Xerxes. Este acabaria namorando a filha de Eulálio, e posteriormente tomando-lhe o apartamento, fazendo com que Maria Eulália voltasse a morar com o pai.

Há uma passagem na qual Eulálio, extremamente mimado, teria irritado sua mãe, que, ao invés de lhe bater, preferiu outra atitude:

³ Time de coração de Chico Buarque. O nome do jogador é fictício.

Ela ergueu a mão aberta, mas na hora H mudou de ideia. Olhou-me bem de perto e disse que, entre os Montenegro de Minas Gerais, ninguém tinha beijos grossos como os meus. A comida, cuspi no prato, mas fiquei com a ofensa engasgada esses anos todos. E agora lhe perguntei em passant, ao sair da biblioteca, por que ela nunca me contara que tio Badeco Montenegro tinha cabelo pixaim (Buarque 2009:74-5).

Primeiramente, há que se destacar o sentimento de humilhação de Eulálio ao receber as palavras de sua mãe. Como ele crescera num ambiente de preconceito, para ele fora de fato uma ofensa o que sua mãe lhe dissera. Em segundo lugar, se percebe a rejeição e a omissão daquilo que fugiria ao “padrão estético” da família Montenegro: os lábios grossos de Eulálio e o cabelo pixaim do tio.

A fala de sua mãe, D. Maria Violeta, teria sido feita depois que esta percebera o incômodo de Eulálio ao lhe dizerem, na escola, que ele era filho adotivo. E o narrador conta isso ao lembrar que a mãe de Matilde deixara escapar que “a menina não era filha sua, mas fruto de uma aventura do deputado, lá para as bandas da Bahia” (Buarque 2009:73). Para ele isso era invencionice, e qualquer criança passava pelo que ele também passara, ou seja, de ser chamado de adotivo. Mas indiretamente, ao longo do romance, é colocada a questão dos senhores que se deitavam com suas escravas e empregadas. Sua avó mesmo teria sugerido que o filho do escravo Balbino seria, na verdade, filho de seu avô.

O curioso ainda é que Eulálio não menciona que sua esposa Matilde era mulata. Isso vai surgindo de forma indireta, pelas falas que seriam dos outros personagens. Eulálio apenas diria que Matilde

era de pele “quase castanha”, “a mais moreninha das congregadas marianas” (Buarque 2009:20). Quando Eulálio quer mostrar a filha Maria Eulália ao pai de Matilde, dizendo que é sua neta, este desdenha, como quem não se lembra do nome Matilde, e depois diz: “Ah, sim, Matilde, uma escurinha que criamos como se fosse da família” (Buarque 2009:192). Ao falar de seu bisneto, cujos cabelos, da noite para o dia, teriam se encrespado, e cujo “nariz de batata” engrossado mais ainda, cita que tinha uma sensação perturbadora de conhecer “sua cara de algum lugar” (Buarque 2009:149). A filha teria lhe respondido que “está na cara que esse aí puxou à minha mãe mulata” (Buarque 2009:149), ao que Eulálio nega: “Não sei quem abastecia minha filha com tantas maledicências, Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata. Teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos, talvez algum longínquo sangue indígena” (Buarque 2009:149).

O preconceito, que está enraizado na família Assumpção, e o desejo de manter a “nobreza” da tradição familiar, fazem com que Eulálio queira inventar uma origem “mais elevada” para sua esposa. E não seria exagerado interpretar que ele próprio, através de sua exposição, e a despeito de sua paixão pela ex-esposa, estaria justificando o insucesso de sua vida pessoal através do matrimônio contraído com uma mulata. A união com Matilde seria, então, o motivo de o leite ter se derramado. Enquanto o leite estava “puro”, sustentava, havia fartura; a partir do momento em que se misturou, o leite estragara. E se o leite foi derramado, não foi porque houve a

fervura, em seu ápice de purificação; foi derramado no sentido de ter sido jogado fora, porque, ao fim e ao cabo, o que viera depois de Matilde não prestou. A culpa da derrocada familiar teria sido, assim, da miscigenação ocorrida. E o primeiro sintoma dessa “anormalidade” seria a quebra da longa tradição de “filhos homens” na família.

Outra indicação de que Eulálio não apenas fazia discriminação, mas olhava com naturalidade a violência já sofrida pelos negros, está na cena em que conta a história do chicote de seu pai, que pertencera a seu pentavô, chegando ao cúmulo de afirmar que o ex-escravo Balbino sentia falta de apanhar: “O Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo” (Buarque 2009:102). E fica mais impressionado com o estilo de quem pegava no chicote do que com a marca que este deixava:

E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício. Se quisesse lanhar, imitaria seu pai, que quando pegava negro fujão, açoitava com grande estilo. O golpe mal estalava, era um assobio no ar o que se ouvia, meu bisavô Eulálio apenas riscava a carne do malandro com a ponta da correia, mas o vergão ficava para sempre (Buarque 2009:102).

“Negro fujão”, “malandro”, “açoitava com grande estilo” são algumas expressões que revelam de que lado está o narrador, que aproveita para contar orgulhosa e conjuntamente a história do chicote e a de seus antepassados:

Pegara a manha com seu pai, que veio de além-mar com a frota da corte portuguesa, e quando não estava prestando ouvidos à rainha louca, subia ao convés para dar lições a marujo indolente. Mas isso talvez meu trisavô Eulálio tenha inventado para fazer jus ao chicote que seu pai, o célebre general Assumpção, brandiu em campanha ao lado dos castelhanos contra a França de Robespierre. Para encurtar o conto, esse meu tetravô general era filho de dom Eulálio, próspero comerciante da cidade do Porto, que comprou o chicote em Florença com o intuito de fustigar jesuítas (Buarque 2009:102-3).

Já o senador Assumpção, um sedutor incorrigível, utilizava o chicote para fins mais lascivos. Lembrando que toda essa história do chicote Eulálio começara ao reclamar que estava com fome, e que os enfermeiros não cuidavam dele direito. A partir daí começa a delirar, dizendo que vai contar a sua mãe e a seu pai como está sendo maltratado, e que o pai baterá de chicote neles todos. É nesse contexto que é reiterado ao leitor o quão mimado era Eulálio, filho único do senador. Relembra sua infância de menino birrento e sem limites⁴, num narrar repleto de confusão espaço-temporal. Nessa revivescência através da palavra, confunde os enfermeiros com os empregados da casa onde morava na infância, e os ameaça dizendo que seu pai os despedirá:

e esse será o pior flagelo pra vocês, que emprego igual não hão de encontrar em lugar nenhum. Não falo só pelo salário em dia, pela casa dos fundos onde vocês se embriagam e se masturbam, pelas provisões de boca que vocês devoram, ou pela folga quinzenal e a gratificação natalina. Falo também pelo trato pessoal que mamãe lhes concede, os pequenos

⁴ Nada disso é explícito pelo narrador, mas deduzido de sua narrativa.

furtos que ela releva, as roupas que lhes doa ainda em bom estado. Ela faz questão de que vão todos bem vestidos à missa, e a cozinheira, que era dada à macumba, fez exorcizar na igreja da Candelária. Foram todos vacinados, exame médico só minha babá não fez, achou uma pouca-vergonha (Buarque 2009:103).

Essa estratégia de fazer o narrador se confundir, nesse momento, faz destacar a visão ideológica desse representante da elite brasileira sobre os empregados, e a relação que Eulálio tinha com eles desde a infância. Acreditava que pagar o salário em dia e dar uma folga quinzenal, por exemplo, eram favores. Também a atitude da mãe de fazer exorcizar a cozinheira que “era dada à macumba” mostra o preconceito à cultura negra. Aliás, a palavra “macumba” é uma forma pejorativa de se referir a cultos derivados de práticas religiosas como o Candomblé⁵.

Eulálio continuaria a falar da babá, a quem pouparia de ser mandada embora: “Mas a minha babá vou pedir para papai não mandar embora porque dá pena, a negona nunca vai gostar de outra criança como gosta de mim. Nem vai deixar outro menino fazer festinha naquelas suas tetas gordas como me deixa, dá tapa na mão mas deixa” (Buarque 2009:103-4). Confronta a babá com a governanta alemã, a quem a mãe contratara por achar que Eulálio já estava muito crescido para ter babá: “A Fräulein era cheia de não-me-toques,

⁵ Esta outra passagem também mostra Eulálio discriminando os negros e sua cultura, ainda que negue: “(...) Maria Eulália expõe sua mãe ao juízo daquela gentinha da igreja. Não vai aí a intenção de ofender os mais humildes, sei que muitos de vocês são crentes, e nada tenho contra sua religião. Talvez até seja um avanço para os negros, que ainda ontem sacrificavam animais no candomblé, andarem agora arrumadinhos com a Bíblia debaixo do braço. Tampouco contra a raça negra nada tenho, saibam vocês que meu avô era um prócer abolicionista, não fosse ele e talvez todos aí estivessem até hoje tomando bordoadas no quengo” (Buarque 2009:193).

queria me obrigar a falar alemão e praticar ginástica, mas não pôde comigo, teve um ataque de nervos e voltou para a Baviera” (Buarque 2009:104). Também seria indulgente com a lavadeira:

Além da babá, acho que vou pedir para meu pai poupar a lavadeira, que está sempre rindo e falando pelos cotovelos. Quando vejo aquela cesta de roupa recém-lavada, mijo em cima com vontade, e ela lava tudo de novo sem reclamar, lava cantando polca, rebolando no tanque. A lavadeira era uma mameluca que mamãe trouxe da roça, e hoje papai não confia a mais ninguém suas camisas de linho, que nos tempos do porto de Manaus, mandava passar e engomar na Europa (Buarque 2009:104).

Essas últimas citações, além de demonstrar o quão maroto era Eulálio criança, reforçam sua visão, que era a ideologia corrente entre os membros da então elite, de que os bons empregados, assim como os bons escravos, faziam tudo sem reclamar e com um sorriso nos lábios, ainda que fossem desrespeitados. E faz parecer que essa seria de fato uma característica dos negros e dos índios (já que a lavadeira era uma mameluca), mas nunca dos europeus (representados pela governanta alemã). Ao negro e ao índio era natural que fossem de índole servil, enquanto aos de sangue europeu cabiam dirigir os demais, com pulso firme (e chicote na mão)⁶. Quando fala de Balbino, ex-escravo de seu avô, afirma que ele era “fiel como um cão, ficou sentado para sempre sobre a tumba dele” (Buarque 2009:16). Também

⁶ Observe-se trecho de uma matéria publicada no *Correio Paulistano* em 13 de maio de 1895: “(...) e a boa raça africana, tão dócil, tão afetiva, tão amiga, fator de riqueza nacional, a velha raça de Caim, em cujas tetas submissas bebemos, grande parte de nossa vida nacional está aí a nosso lado, humilde e sempre boa, honesta, moderada, serviçal, proliferando em paz, entregue a si mesma, sem incomodar os brancos” (In: Schwarcz 2007:31, grifo da autora).

o neto do ex-escravo, seu amigo de infância, “era de índole prestativa” (Buarque 2009:19). Até mesmo Matilde era definida como alegre e “leve de espírito”, mesmo quando ele se excedia. De fato, esse olhar de Eulálio sobre negros e índios, os quais nasceram para servir, pois eram inferiores, fora herdado de seus antepassados, corroborada por toda uma teoria racista e/ou determinista, como as do século dezanove, elaboradas e propagadas por Gobineau⁷, Taine⁸ e outros.

Ao desfiar o rosário da história de sua família, seja sobre o uso do chicote ou outras façanhas, fica claro que Eulálio esconde sua inação por meio do sucesso de seus antepassados. Já ele não precisava fazer muito; bastava-lhe ser filho de, neto de, bisneto de, e assim por detrás.

Um dos momentos em que o narrador oferece seus “dados pessoais” no hospital, “caso a senhora tenha interesse em atualizar o cadastro” (Buarque 2009:78), Eulálio se “encosta” no poder do nome Assumpção. Poder esse que é representado por nomes de espaços geográficos do Rio de Janeiro, e o qual oscilou, conforme o poder reinante:

Eulálio Montenegro d’Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo. Pai, Eulálio Ribas d’Assumpção, como aquela rua atrás da estação do metrô. Se bem que durante dois anos ele foi uma praça arborizada no centro da cidade, depois os liberais tomaram o poder e trocaram seu nome pelo de um caudilho gaúcho (...) Tempos mais tarde um prefeito

⁷ Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), diplomata, escritor e filósofo francês. Escreveu o *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855).

⁸ Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), crítico e historiador francês, compreendia o homem à luz de três fatores: meio ambiente, raça e momento histórico.

esclarecido reabilitou meu pai, dando seu nome a um túnel. Mas vieram os militares e destituíram papai pela segunda vez, rebatizaram o túnel com o nome de um tenente que perdeu a perna. Enfim, com o advento da democracia, um vereador ecologista não sei por que cargas-d'água conferiu a meu pai aquela rua sem saída. Meu avô também é uma travessa, lá para os lados das docas. E pelo meu lado materno, o Rio de Janeiro parece uma árvore genealógica, se duvidar mande um moleque comprar o mapa da cidade (Buarque 2009:77-8).

Para Roberto Schwarz, de todo esse retrato de família que Eulálio monta através do narrar de suas lembranças, o que sobressaem são determinados comportamentos sociais através do tempo que cruza essas histórias. Afirma o crítico:

Os Assumpção, que passam de acompanhantes de d. João VI a barões negreiros, a aproveitadores do Abolicionismo e a traficantes de influência na República Velha, são antes uma categoria social do que uma família, e importam menos do que o tempo que os atravessa. (Schwarz 2012:148).

De fato, a fala de Eulálio revela muito mais que o retrato de sua ascendência. Em segundo plano são visualizados os costumes e os “podres poderes” de uma categoria social que, além de preconceituosa, é corrupta:

Assim, trazendo escravos ou mandando-os de volta, cobrando e torrando comissões ilegais, os Assumpção vão cumprindo o seu papel de classe dominante, europeizadíssimos e fazendo tudo fora da lei. A dissonância entre a autoimagem e a imagem que a história fixaria deles em seguida – mas será que fixou? – impregna a narratividade de comicidade politicamente incorreta do começo ao fim. (Schwarz 2012:149).

E ainda: “Talvez seja isso o *leite derramado* que não adianta chorar: persistiu a desigualdade, desapareceram o decoro e a autoridade encasacada, e não se instalaram o direito e a lei. É o que no interregno entre antigamente e agora se chamava modernização sem revolução burguesa” (Schwarz 2012:150). Sérgio Vicente Motta também comentará a continuidade da desigualdade através do tempo que atravessa as várias gerações, e o faz comentando o livreto da família de Eulálio, o qual tinha várias fotos do avô deste, e com o qual, folheando ligeiramente, se tinha a ilusão de movimento: “Ilusão de movimento. Talvez a técnica sirva para evocar o curso da história, mas que no Brasil, ironicamente, gera uma ilusão de estaticidade, com os mesmos quadros ou retratos que se sucedem” (Motta 2009:51).

O narrador ainda evoca de suas lembranças o costume de se falar em francês no ambiente doméstico:

Lá em casa como em todas as boas casas, na presença de empregados os assuntos de família se tratavam em francês, se bem que, para mamãe, até me pedir o saleiro era assunto de família. E além do mais ela falava por metáforas, porque naquele tempo qualquer enfermeirinha tinha rudimentos de francês (Buarque 2009:7-8).

É de se destacar a expressão “em todas as boas casas” para se referir que as demais, na ausência do domínio da língua francesa, não pertenceriam “à sociedade”. Essa citação corrobora o que Schwarz falara acima sobre a elite “europeizadíssima”. Outro termo é “enfermeirinha”, que está sendo usado de forma pejorativa, o que se confirma com a reação da enfermeira, que se encontraria “amuada”.

Ao prometer dar dinheiro para a enfermeira comprar um “vestido bacana”, descreve os hábitos femininos da alta sociedade:

Você pode rir, mas no meu tempo nem havia butikues, com o meu dinheiro você compraria um corte em loja de fazendas, para a modista copiar um croqui de revista francesa. Mulheres mais abonadas faziam como mamãe, que todo ano acompanhava meu pai à Europa e trazia vestuário para as quatro estações. (...) Mas quem numa emergência necessitasse um modelo exclusivo podia recorrer a umas madames francesas que os negociavam em casa, recém-importados de ateliês de alta-costura (Buarque 2009:83-4).

É certo que o narrador era dado a invenções, não apenas quando lhe falhava a memória, mas também ao se exaltar em sua prosa retórica. Quando conversa com os franceses, por exemplo: “aponto inscrições fenícias nas montanhas, cito aves hermafroditas que habitam as ilhas oceânicas. Também falo das invasões francesas, do sonho da França Antártica, até inventei um antepassado bretão, braço direito do almirante Villegaignon” (Buarque 2009:109). Dessa forma, muito desse painel pode ter sido pintado com as tintas da imaginação.

Esse era o retrato de Eulálio e de sua família, representante de uma elite já eivada de arraigados vícios coloniais.

Não se pode deixar de lado, por fim, uma teoria formulada pelo sociólogo Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e comentada por seu filho Chico Buarque posteriormente: a teoria do “homem cordial”, já que é pertinente visualizá-la em *Leite Derramado*.

Conforme se lê em *Raízes do Brasil* (1936), tal expressão, que veio do escritor Ribeiro Couto, foi muitas vezes confundida com uma hospitalidade e uma generosidade que definiria o caráter brasileiro. No entanto: “Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (Holanda 1995:147). Como houve polêmica em torno da expressão, o sociólogo, numa nota da segunda edição, explicitava: “A inimizade bem pode ser tão *cordial* como a amizade, nisto que uma e outra nascem do *coração*, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado” (Holanda 1995:205). É sugestivo ainda um exemplo que ele dá ao falar de um negociante da Filadélfia que “manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo” (Holanda 1995:149). O próprio Chico Buarque, em fala extraída de “Chico - Ou O País da delicadeza perdida”, documentário que Chico Buarque estrelou para a televisão francesa em 1990 e lançado em DVD em 2003 pela BMG, comentará tal expressão:

Mas a ideia é a do homem *cordial* como homem que reage conforme seu coração, né, pro bem e pro mal, capaz de grandes efusões amorosas e capaz de inimizades até violentas. E o brasileiro tem um pouco essa característica de levar tudo por esse lado, de ser incapaz, às vezes, de seguir uma hierarquia, de obedecer uma disciplina muito rígida. A vontade que ele tem é de travar contatos amistosos, criar intimidade, encurtar distâncias, né... Isso é, continua existindo, acho, essa informalidade, ele é avesso a essas formalidades [...] (Buarque 2003).

De fato, é cabível pensar em toda essa alta sociedade retratada como compondo vários grupos “cordiais”, levando para a esfera pública esse caráter privado resumido na sentença: “Para os amigos tudo; para os inimigos a lei”⁹. O Senador Assumpção, pai do narrador, é um exemplo de homem que sabia travar “contatos amistosos”. Ganhara a concessão do Porto de Manaus, sabia travar relações na Companhia de armas Le Creusot & Cie, do qual era representante no Brasil. Já Eulálio, que se tornou representante também pelo nome do pai, não soube manter a capacidade de “criar intimidade” e “encurtar distâncias”. Mas Eulálio também agia com o coração, como no ciúme excessivo por Matilde. O pai de Matilde, ao romper relações com Eulálio por uma questão política, e o próprio assassino do senador, também eram, de certa forma, homens “cordiais”.

Assim, esse romance, em que se sobressaem o estilo altamente poético e as entrelinhas da narrativa, as quais convidam o leitor a uma maior participação na história de Eulálio, é um exemplo de que até o pano de fundo, de caráter social, precisa ser considerado para uma melhor interpretação da obra literária.

Referência bibliográfica

BENJAMIN, W. 1994. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. (Obras escolhidas, v. 1)

BUARQUE, Chico. 2011. “Barafunda”. *Chico: Biscoito Fino*.

⁹ Frase atribuída ao Presidente Arthur Bernardes (1875-1955).

- _____. 2003. *Chico – Ou o País da delicadeza perdida*. Documentário. BMG.
- _____. 2009. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. 1994. Prefácio. In.: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. (Obras escolhidas, v. 1)
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1995. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- MOTTA, Sérgio Vicente. 2009. “Como beber desse leite derramado”. In: —. *Fragmentos do Contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. 2007. “Dos males da dádiva: sobre as ambiguidades no processo da Abolição brasileira”. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da e GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão. Histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.
- SCHWARZ, Roberto. 2012. “Cetim laranja sobre fundo escuro”. In: —. *Martinha versus Lucrecia*. Ensaios e Entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras.